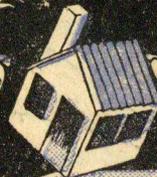
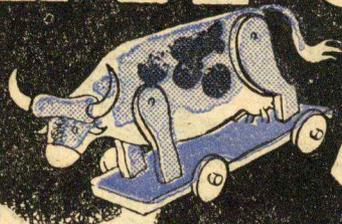


DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII

N.º 629



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
ARCINHO

ESPERTEZA SALOIA

Por AGOSTINHO DOMINGUES



UMA escola de instrução primária de aldeia:

Professor — Que é um rio?

Aluno — Rio... rio é aquilo que eu faço, quando alguém diz uma graça ou me faz cócegas.

Professor — Não é nada disso. Rio é... é... é uma corrente...

Aluno — É uma corrente de ouro. Está muito bem achado, sim, senhor; também faz rir aquele que a vem.

Professor — O' rapaz, tu és parvo? Rio é uma corrente de água doce...

Aluno — Não diga mais, sr. professor, que eu já sei. É uma corrente de água doce, que faz andar um moinho.

Professor — Pode fazer andar um, muitos ou nenhum. Não é essa a definição que vem no teu livro. Lá diz que é uma corrente de água doce que se dirige para o mar, para um lago



ou para outro rio. Por exemplo; o Tejo.

Aluno — Mas, ó sr. professor, Tejo é um cão que eu tenho. Ele corre, isso



é verdade; mas doce, doce, é que ele não é, sobretudo para as pessoas estranhas...

Professor — Ora, que disparate, rapaz! Não dás nada nisto!

«Vamos a um problema facilimo. Se te derem uma dúzia de laranjas para as distribuires por três rapazes, o que é que tu fazes?

Aluno — Como umas e levo as outras para casa.

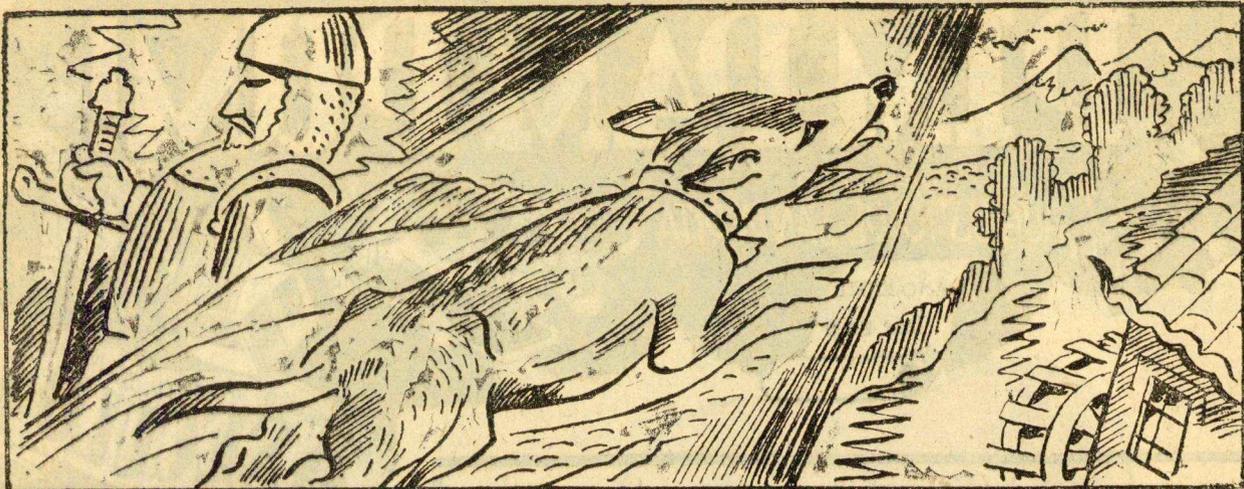
Professor — Fazes mal. O que deves é fazer uma conta de dividir, em que o dividendo é doze e o divisor três. No còciente dá quatro. Quere dizer que tens de dar quatro laranjas a cada um.

Aluno — E para mim? Então, eu fico sem nada?

Professor — Pois claro, porque a conta não dá resto. Quantos são os reinos da Natureza?

Aluno — Não sei, mas ouvi dizer que já há poucos. É quasi tudo republicas...

Professor — Isso é outra coisa: são Estados, nações. Os



reinos da Natureza são três: animal, vegetal e mineral. E como se dividem os animais?

Aluno — A minha mãe costuma dividi-los com uma faca e um garfo e, às vezes, até só com as mãos. Parece que vai mais depressa assim...

Professor — O' homem, os animais dividem-se, em primeiro lugar, em dois grandes grupos: animais racionais e animais irracionais. Animais racionais são os homens.

Aluno — Então, eu não sou mais nem menos que o meu cão? Veja se o que diz é a sério ou a brincar, porque eu vou contar tudo ao meu pai!

Professor — O teu pai não se melindrará.

Aluno — Ai não! Fica que nem uma fera, quando lhe chamam animal.

Professor — Mas não tem razão. Eu e todos os homens e rapazes, como tu, somos animais, mas distinguimo-nos do teu cão e dos outros bichos, por termos razão. Formamos, por isso, um grupo à parte: o dos animais racionais, enquanto os cães e os outros bichos constituem o grupo dos animais irracionais. Nós pensamos, raciocinamos; eles não, mas comem e movem-se como nós.

Aluno — Eu sou, então, um animal racional, não é verdade?

Professor — Custa a acreditar — tão fraco raciocínio tens! — Mas és.

■ F I M ■

CONCURSO:—Grandes de Portugal

Os leitores que desejem possuir as cadernetas, deverão enviar à redacção do nosso suplemento, a necessária importância em selos.

Os concorrentes de Lisboa poderão requisitá-las, pessoalmente.

Oportunamente, será organizado o serviço de devolução das cadernetas.

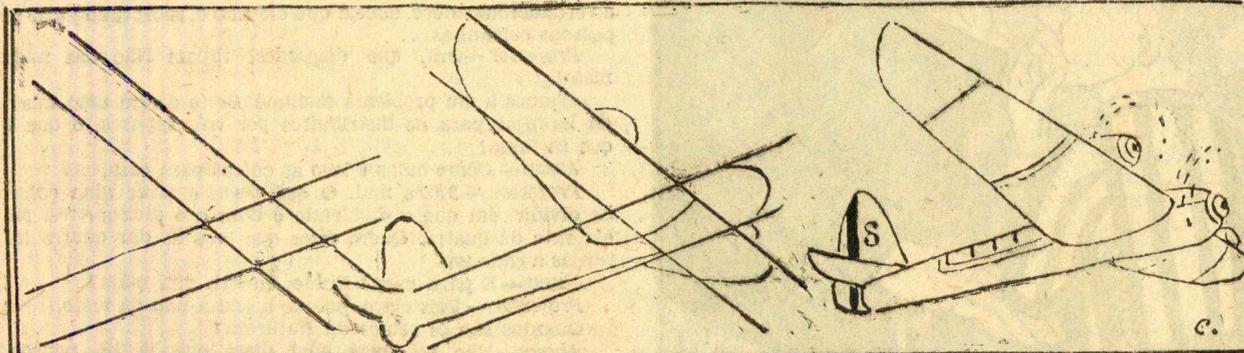
Os premiados e os que obtiveram menção honrosa, têm de entregar, quanto antes, os respectivos retratos, tendo no verso o nome dos seus possuidores.

Toda a correspondência deve ser enviada a:

Concurso Grandes de Portugal:

Pim-Pam-Pum — Rua do Século, 63 — Lisboa.

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um aeroplano em pleno voo

A ROSEIRINHA e o MURO

por FELIZ VENTURA

COMO feliz vivia a roseirinha!
Desde pequerruchinha
que se encontrava, ali, ao pé do muro,
e para se abrigar
não podia encontrar
amigo mais seguro.

Quando o vento bramia,
rugia,
furioso,
tudo em volta ficava arruinado...
Mas sempre a roseirinha
fugia à morte milagrosamente,
e sorria
contente
quando o vento abalava enfurecido.

Dias, meses e anos
foram passando e o muro, de velhinho,

a pouco e pouco ia desmoronando.
Certo dia
a roseirinha, chorando,
diz-lhe:
— Muro, porque me deixas de abrigar?
Não vês que eu sou assim tão pequenina,
tão fraquinha,
que qualquer brisa pode-me quebrar-me?»

— «Dizes bem, roseirinha,
mas a culpa, acredita, não é minha.
Enquanto pude, eu fui o teu abrigo,
mas agora estou velho e o destino
parece que me tira, por castigo,
tôdas as fôrças, todo o meu vigor.
Por isso, roseirinha,
eu não te posso mais já abrigar
do vento quando é cheio de furor...

Soluça, então, a pobre roseirinha
numa voz tão fraquinha
que quási não se ouvia:
— «O que vai ser de mim
exposta ao vento, assim,
sem ninguém que me venha defender?!
O que vai ser de mim?!»

(Continua na página 7)



PREMIADOS NO CONCURSO: — Grandes de Portugal



João Gualdino Pereira



Joaquim Mocito



Luiza de Carvalho Pinto



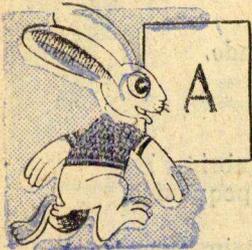
Daniel Roque Ribeiro



Manuel das Neves
Araújo

«ALVIRA» uma sua criada...

Por LEONOR de CAMPOS



fé que me hei-de dar como Deus com os anjos.»
—E porquê?— indagou a minha amiga, divertida com o falatório da moça.

—«Proquê? Ora essas!... Proque a senhora tem o mesmo nome da minha mãizinha, que era uma santa, não desfa-zendo... Também é Inocência...»

A minha amiga riu e comentou:

—«E' curiosa essa coincidência...»

—«E que és isso de coincidência?»

Escolhendo as palavras, apontando exemplos, Inocência lá conseguiu, ao fim de meia hora, que a Elvira compreendes-se o que significava *coincidência*.

Tão feliz ficou a rapariga por, logo no primeiro dia, aprender uma palavra à moda da cidade, que não mais a esqueceu. E, daí em diante, a propósito de tudo, falava em *coincidências*...

Uma semana depois da entrada triunfal da Elvira, fazia anos a dona da casa.

Inocência convidou para jantar uma sua irmã. E preveniu a criada:

—«Logo que a senhora chegue, manda-a entrar para onde eu estiver. Como ela traz um cãozito, é preciso prender o nosso no quintal, não vá morder-lhe.»

—«Sim, senhora, minha senhora!»

E a Elvira, obedecendo, foi procurar o «Polo», um enorme cão da Serra da Estrêla, e prendeu-o na sua casota.

... Terrim...

... Tocou a campainha.

Elvira correu a abrir a porta

Viu aparecer uma senhora, tã-da elegante. Atrás vinha a criada, que trazia

minha amiga Inocência mandou vir da terra uma criada.

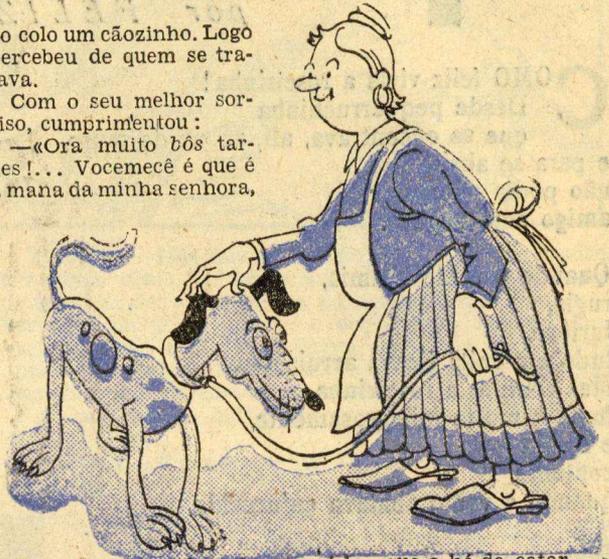
Em certo dia de sol e moscas, surge-lhe em casa a *Alvira* — uma sua criada — fresca e gorducha como um repólho.

—«Ora muito bõs tardes — principia por dizer a moçoila, tãda es- pevitada. — Julguei que nunca mais cá arribava. Quere não... E saberá a senhora que eu vinha contente que nem um grilo. Tenho cá uma

ao colo um cãozinho. Logo percebeu de quem se trata- va.

Com o seu melhor sor- riso, cumprimentou:

—«Ora muito bõs tar- des!... Vocemecê é que é a mana da minha senhora,



não é? Ora, então va procura-la, que a há-de catar...»

E para a criada:

—«E *voncê* venha comigo para a cozinha, a mai-lo cão- zinho, que não há-de haver *dúvedas*, proque eu já *esforro- lhei* o Polo.»

Morta de riso, a irmã de Inocência nem lhe respondeu. Foi tãr com a dona da casa e ambas se divertiram a valer com os disparates da Elvira.

Esta seguiu para a cozinha com a outra criada que, ofendida com o tratamento dado pela Elvira à sua senhora, principiou logo a lição:

—«Ouça cá, menina. Não deve tratar a minha senhora por vocemecê. Olhe que ela é uma senhora às direitas...»

—«Está bem de vêr que sim. Basta mirá-la. Mas eu que le disse para a ofender?»

—«Não devia tratá-la por vocemecê. E' por vocência...»

—Ah!... Está bem. Lá por isso não seja a *dúveda*... E' *boscência*, prontos... E a me- nina, como é a sua graça?»

—«Eu chamo-me Alvira...»

—«Bonito nome, benza-a Deus...»

Pouco depois, já muito ami- gas, a Alvira conversava ani-





O CESTINHO DA COSTURA



Minhas queridas:

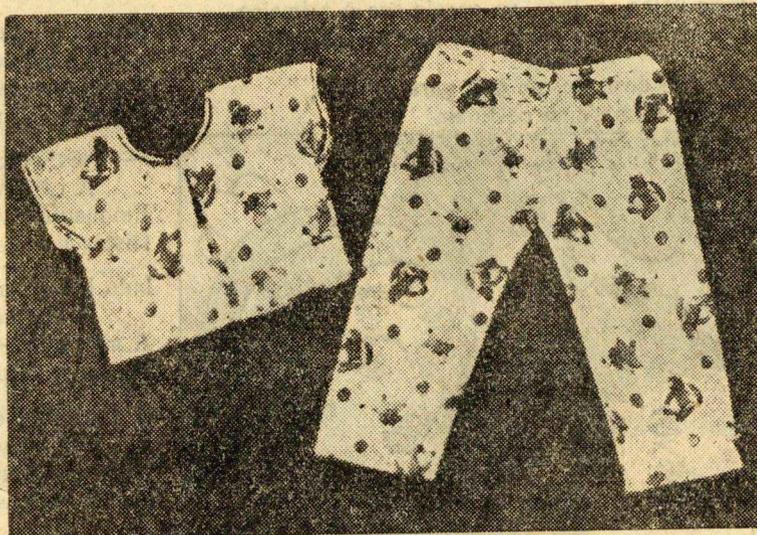
Com um tecido de bonecos ou outro qualquer que tenha um desenho engraçado, podem fazer, muito facilmente, este pijama que nada mais tem a enfeitá-lo do que a fantasia do próprio tecido.

Já por mais de uma vez, em publicações anteriores, dei os modelos que servem para talhá-lo.

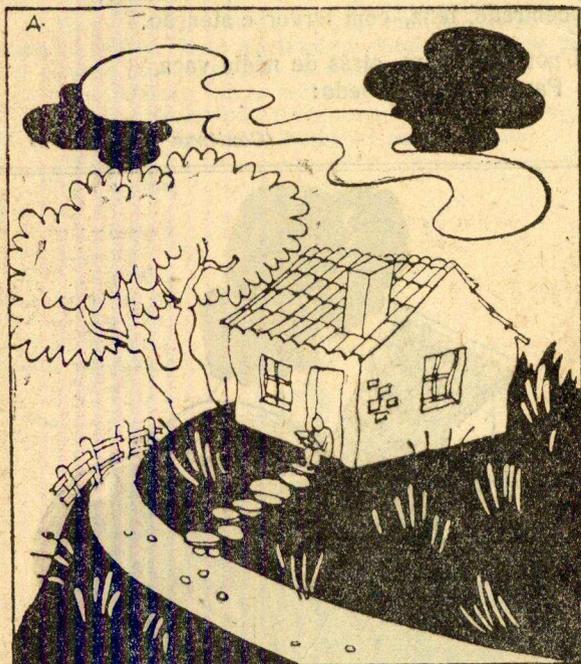
Por isso, espero que não haja dificuldades.

Comecem, pois, e rapidamente hão de vêr a vossa obra concluída.

O enxoval da boneca ficará muito mais valorizado e vocês terão o orgulho e a satisfação de vêr a vossa bebé a dormir linda e quentinha



Abelha Mestra



— «Vem comigo ao choupal; o pão e a macaca Jogaremos os dois, debaixo do arvoredor.»

O José respondeu: — «Não posso, estou guardando O meu pequeno irmão.»
E volta o livro a olhar, estudando, estudando...
Concentrando, feliz, com fervor e atenção.

Pouco tempo depois, passavam dois meninos,
Que lhe dizem, joviais:

— «Connosco à horta vem. Damos-te lá pepinos
E morangos e muita e muita coisa mais.»

O José respondeu: — «Não posso, estou guardando
O meu pequeno irmão.»

E volta o livro a olhar, estudando, estudando,
Concentrado, feliz, com fervor e atenção.

Num cavalinho branco, a prima à fonte passa,
Dizendo-lhe, ao olhá-lo,
Sorridente e gentil com indizível graça:
— «Anda comigo à fonte e levo-te a cavalo!»

O José respondeu: — «Não posso, estou guardando
O meu pequeno irmão.»

E volta o livro a olhar, estudando, estudando,
Concentrado, feliz, com fervor e atenção.

E assim passou a tarde, agarrado ao estudo,
O bondoso escolar.

E, quando já a sombra ia alagando tudo,
Voltou da horta a mãe, cheinha de lidar.

Ao vê-lo no seu pôsto, a mãe pousa o cestinho
E, ao dar-lhe um longo beijo, em que palpita a essência
Do santo amor materno, abraça-o e diz baixinho:
— «Quanto vale, amor meu, a tua obediência!...»

HORA DE RECREIO



N.º 55—III CAMPEONATO

SECÇÃO CHARADISTICA

Por AMÉRICO TABORDA

APURAMENTOS FINAIS DO II CAMPEONATO

Tendo terminado a publicação dos resultados do II Campeonato, publicamos, a seguir, os apuramentos finais. Qualquer reclamação a fazer, relativa a estes, deve ser-nos dirigida no prazo de oito dias, a contar da data da publicação deste número.

PRODUTORES CAMPEÃO

Adriano Reis — 1 quadro com 19 votos; 1 quadro com 5 votos; 1 quadro com 13 votos.

SUB-CAMPEÃO

Tomigas — 1 quadro com 14 votos; 1 quadro com 9 votos.

Manecas & Tonecas — 1 quadro com 19 votos.

Barbudo — 1 quadro com 18 votos.

Moreno — 1 quadro com 14 votos.

A. Seravat — 1 quadro com 13 votos.

Artur de Melo Cabral — 1 quadro com 12 votos.

Bébé — 1 quadro com 12 votos.

Dália de Jesus — 1 quadro com 11 votos.

Alema — 1 quadro com 10 votos.

Zé Gaspar — 1 quadro com 9 votos.

Armando Jorge — 1 quadro com 9 votos.

Far — 1 quadro com 8 votos.

Zé Manel — 1 quadro com 7 votos.

Alfredo Matos — 1 quadro com 7 votos.

Emídio Matias Pinto — 1 quadro com 6 votos.

Mário F. B. Ripado — 1 quadro com 6 votos.

Béu — 1 quadro com 6 votos.

D. Bibas — 1 quadro com 6 votos.

Sob-Chavena — 1 quadro com 5 votos.

Necas L. Mano — 1 quadro com 5 votos.

DECIFRADORES

Produções publicadas, 92.

CAMPEÕES «EX-AEQUO»

Alfredo Matos Boavida, 87.
Tomigas, 87.

SUB-CAMPEÕES, «EX-AEQUO»

Adriano Reis, 82.
Maridália, 82.
Tivore, 82.

Crisante Taborda, 81.
Renato Rodrigo Paulo, 80.
Nelito Arita, 79.
José Antunes Baptista, 78.
Antonio Freire, 77.
Jorge A. Pereira, 77.
Necas L. Mano, 77.
Pipocas, 77.
Sob-Chavena, 76.
Pacatinha (ex-Veloc), 75.
Homem-Sombra, 71.
Artur Melo Cabral, 68.
Carlos Martins Figueiredo, 67.
Armandino, 67.

Armando Jorge, 66.
Américo B. Fernandes, 64.
Rex, 63.
Zé Fernando, 63.
Far, 62.
Tacos, 62.
Delca, 60.
Carlos F. Cotter Moreira, 59.
D. Bibas, 58.
Armando Garcia Felix, 57.
Maria Alice Botelho Moniz, 57.
Martos, 54.
Pimpim, 52.
Pirolito, 49.

OUTROS DECIFRADORES

Vir Bonus, 43; *Zé*, 38; *Al Damei*, 37; *A. Matoso*, 33; *Manecas & Tonecas*, 33; *Mário F. B. Ripado*, 32; *Jack Homes*, 31; *Tinoco*, 30; *Rato Mickey*, 28; *Bonina*, 27; *Emídio Matias Pinto*, 26; *Jaime Ferreira*, 25; *Antonio Pequeno*, 23; *Ricardito*, 22; *Sandú*, 20; *Lula*, 17; *Ezco Pais*, 15; *Fred Cachimbeque*, 15; *Tom Mix*, 14; *José Guelhas*, 13; *Zé de Arganil*, 13; *João de Almeida*, 9; *Maria Alice da Silva Valadara*, 6; *Ailema*, 5; *Amaral*, 5; *Rá Pardal*, 5; *Rabeta*, 5; *Santo António*, 5; *São João*, 5; *São José*, 5; *José Quirino Rebelo*, 4; *Rêgo*, 4; *Campeão Edipico*, 3; *Pombo Correio*, 3; *Tabú*, 3; *Recem*, 1.

Os detentores dos títulos de Campeão e Sub-Campeão têm direito à publicação da fotografia, além da posse dos prémios, que são constituídos por interessantes livros infantis.

Devido a haver vários campeões e sub-campeões de decifradores, os prémios serão sorteados entre estes, na altura a anunciar no próximo número.

A Roseirinha e o Muro (Continuação da página 3)

Volve, então, comovido, o velho muro:

— «Não chores, roseirinha!

Não é grande o teu mal;

Eu morrerei pois sou muito velhinho;
o destino é fatal.

Mas, roseirinha, juro

que tu hás-de viver.

Há um grande Poder que tudo vê
e que ampara, no mundo, os desgraçados.

Espera, pois, e crê:

não olhes o futuro com cuidados.

Ficou a roseirinha mais contente
com o que disse o muro suavemente.
E o tempo foi passando

até que veio um dia
em que o vento, num golpe furioso,
ululante e raivoso,
arremessou por terra o fraco muro.

Mas a pequena e fraca roseirinha
não sofreu com a perda desse amigo.
Uma força invencível mas oculta
sempre de noite e dia
de tudo a defendia,
evitando-lhe o mais pequeno perigo.
Podia vir o vento furioso,
dia tempestuoso,
chuva, fogo dos céus,
que a roseirinha nada padecia.

Há um amparo para os desgraçados,
de infinito Poder; — chama-se Deus!

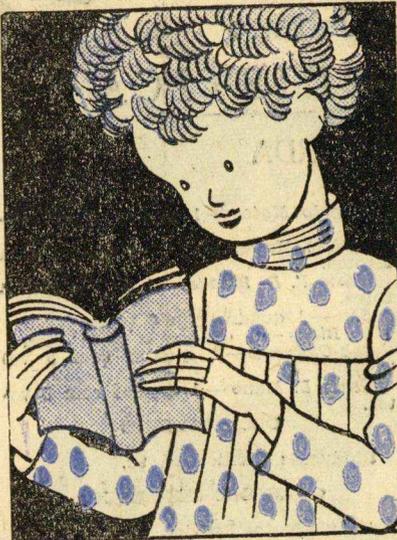
OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAIS RIMAS E FIXAIS CONCEITOS POR JOSINO AMADO



Se ocupo o amigo,
Seja em que fôr,
Primeiro d....:
«Faça f.....!»

Junventude portuguêsa,
Da Pátria vivo clarão,
Sabei que a delic.....,
É varinha de c.....!



Dos deveres que a inocência
Deve praticar na escola,
É o chamado ob.....
Que mais o mestre con....

Êsse dever peregrino,
Quando nasce da afeição,
E' chave de todo o en.....,
E' alma da ed.....!



Em vossas alminhas arda
Maior que todos os mais,
Sempre vivo, na vang.....
O sagrado amor aos p....!

Tende-lhes respeito enorme;
«Filhos sois e pais sereis,»
Que a providência não d.....,
«Como façais, ach.....!»

A N E D O T A S

O Néné estreou há pouco um fati-
nho à maruja, que é todo o seu orgu-
lho.

Passeando uma tarde, com o avô,
pelo Aterro, encontra um marujo, um
marujo verdadeiro, e o Néné, muito
admirado, exclama:

— Avôzinho, olhe um homem grande
vestido de menino.

* * *

— Você tem filhos?
— Tenho um.
— E fuma?
— Nunca na sua vida tocou num ci-
garro.

— Perfeitamente. O tabaco é preju-
dicial para a saúde. Frequenta os ca-
fês?

— Nunca entrou em nenhum.
— Pois felicito-o. Mas recolhe tarde,
talvez?

— Tão pouco. Deita-se sempre ao
anoitecer.

— E que idade tem?
— Dois meses.

* * *

— «Depois de lavar a cara, olho
sempre para o espelho a vêr se está
limpa. Não fazes o mesmo?» — pre-

guntou a pequenita ao irmão, também
pequeno como ela.

— «Não preciso — respondeu êste —
basta-me olhar para a toalha.»

* * *

Barnabé, por economia, viaja em ter-
ceira classe, com a sua numerosa fam-
ília.

Barnabé Júnior vai entretido a brin-
car com os bilhetes e o pai diz-lhe:

— «Guarda isso, rapaz. Não há ne-
cessidade de todos quantos vão na car-
ruagem ficarem sabendo que viajamos
em terceira classe.»

NO PROXIMO NUMERO: NOVOS CONCURSOS **NOVAS SECÇÕES**